

A morte de um homem de genio, porém, deixa após de si um vacuo immenso no Universo e a Natureza em lucto gasta ás vezes Se-culos a preencher-o.

Por sua não vulgar litteratura e avantajado saber sempre será o Padre Velloso tão respeitado de todos os que lerem os seus escriptos, como as suas amaveis qualidades o tornaram estimavel e caro a todos aquelles que se orgulharam em conhecê-lo.

Mas, tal é o destino humano, que basta um só momento, muitas vezes, para passar do seio da amizade, e do cumulo das honras e das aclamações, á solidão e ao silencio do tumulo !!!

Ao Rey.^{mo} P.^o M.^o Fr.^o José Marianno
da Concelção Velloso

EPISTOLA

Qual dentro as rotas, naufragão cavernas
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe afanso, deploravel, nauta,
Reliquias tenues, com que a vida estele,
Em erma, ignota praia a que abolaram,
E onde, a custo, o reuniu propicia antenna:
Tal eu, que da existencia o peço, o abysmo,
(De que assomam, rebentam, fugem, fervem,
Rochedos, escações, tufões e raios);
Tal eu que da existencia, o mar sanhudo,
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inhospitos montões, decestranha areia,
Triste recolho os miseros sobejos,
Com que esvaído alento, instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteco em magoar.

Em ti, constante desvelado amigo,
Demando contra a sorte azylo, e sombra,
Oh das Muzas Fautor, de Flora alumno!
(Rasgado o véo da Allegoria) pestende
Ao metro, que desvale, a mão que presta.
Se as azas lhe deres, em suave adejo
De Lysia ao seio, que a virtude anima
D'elle cultores, voarão meus versos,
E o patrio, doce amor ser-lhe-á piedoso.

M. M. B. du Bocage.

MONSENHOR JOSÉ ANTONIO MARINHO

(N. em 1804 — M. em 1853)

A Regeneração — Ouro Preto, 23 de Março de 1853 — N. 14

Com a mais dolorosa magoa, subemos pelo Correio de hontem que a terrivel Epidemia da febre amarella roubou-nos para sempre a vida preciosa de um dos nossos mais illustres compatriotas, o Sr. Conego José Antonio Marinho, fallecido no dia 13 do Corrente no Rio de Janeiro.

Nunca tanto nos doeu o coração, nunca tantas e tão justas lagrymas derramar os por um amigo; nunca tanto sentimos os golpes fulminados pela mão da morte!

O illustre filho de Minas, que tanto honrou seu berço, o digno representante do povo mineiro que só por seus grandes talentos chegou a ser uma das nossas glorias parlamentares, o virtuoso ministro do Cracificado, que é honra de nossa Igreja; o philosopho generoso que se fez politico para melhor servir a patria, constituiu-se pastor da Igreja para bem servir a religião, educou-se nas sciencias para instruir a nossa juventude; o veneravel sacerdote do Christo, o cidadão philantropo, o illustre parlamentar, o orador afamado dos templos sagrados e das Assembleias populares desapareceu para sempre das scenas do mundo!

Magoados profundamente pela dor que nos causou tão fatal noticia, mal podemos escrever estas linhas, como um ultimo tributo de amizade e veneração que rendemos ao illustre e benefico brasileiro.

Possa a sua vida e conducta ser imitada por outros brasileiros; possa a juventude que elle educara com tanto zelo e amor paternal seguir seus preceitos e conselhos; possa a geração nova produzir cidadãos como elle; que então o Brazil terá uma grande nação; a patria terá um nome glorioso, e a posteridade se julgará ditosa e feliz!

Mineiros! Cidadãos de todas as seitas, de todas as opiniões, uma lagryma de saudade, um tributo de gratidão e reconhecimento sobre o tumulo do nosso compatriota.

Uma oração pelo seu eterno descanso!

R. A. — 32

15 de março de 1853.

Foi hontem sepultado no Cemitorio do Catumbé o cadaver do Monseñhor José Antonio Marinho, que falleceu victima da terrivel molestia— febre-amarella.

Sentimos profundamente a morte desso cidadão distincto, cujo nome, por tantos titulos se tem tornado digno da veneração e consideração dos brazileiros.

Orador fecundo no parlamento, em cujas luctas tanta nomeada obteve pela força da sua logica e pelo brilho de suas palavras, Monseñhor Marinho era um dos ornatos da tribuna Sagrada, onde pregava, com o exemplo de uma vida sem mancha, o amor de Deus e da virtude, ensinando a suas ovelhas a apreciar as bellezas da nossa religião em linguagem simples e elevada.

Retirado da vida politica, o pastor do Sacramento dedicava-se esmeradamente á educação da mocidade e o seu estabelecimento collegial, um dos melhozes da Corte, era um azylo, em que moços pobres e talentosos iam encontrar uma instrução solida e principios de uma moral rigida e severa, dando em paga a seu bemfeitor a satisfação honrosa de fazer bom.

E que melhor recompensa pode desejar de seus trabalhos um coração nobre e desinteressado?

(S. Aurora Paulistana—N.º 169 do 5 de Abril de 1853.

O Sr. Dr. Francisco de Paula Meneses, orador interino do Instituto Histórico, no seu discurso pronunciado na Sessão anniversaria em 15 de Dezembro de 1853 (*), assim diz do nosso proclamo comprovinciano:

O primeiro nome que a morte riscou este anno da lista dos nossos socios—foi o de um desses homens, cuja vida açoitada por desencadeados ventos fóra tortuosa como as sinuosidades de um rogado.

Este homem—foi Monseñhor Marinho,— esse eloquente elogio da pobreza, coração de anjo, intelligencia de vastidão indizivel, typo da calidade, e instituidor modelo.—

Nascera José Antonio Marinho em 1801 no Brejo de S. Francisco do Minas Geraes.

Filho de pobrissimos lavradores, não conhecendo seu pae outro futuro para seus filhos que o lavour das terras, não sabia tambem outra educação que tornar seus braços vigorosos para tão rudos trabalhos.

(*) Revista Trimensal—Tomo 16.º—pagina 601 a 607.

Porém, n'alma do pobre menino loziu ao longo um brilhante futuro, e essa luz vaga e indecisa se manifestava por um desejo ardente de saber.

A prespicacia de seu avô materno o comprehendia; e aproveitando os curtos intervallos do quotidiano trabalho, lhe ensina as primeiras lettras.

O atilamento do pequeno Marinho dá nas vistas de um padrinho abastado, e sua protecção, a principio limitada, começa a obra da instrução deste menino—todo talento.

Os rapidos progressos, que nos estudos fizera, por forma tal entusiasmam o velho protector, que desejou a doce satisfação de vel-o um dia—um homem formado—na Universidade de Coimbra.

Realisava-se este desejo, e elle de viagem para Portugal, devia parar na Bahia.

Era o anno de 1823 e o altisonante brado de Independencia ou Morte, desatado do Ipyranga, echoava grandioso no coração ardente do futuro jurisconsulto.

A Bahia teve de comprar caro a liberdade que lhe tocava, e o sangue dos bravos correu em jorros, primeiro que pudessem entrar em 2 de julho as portas da Cidade, cercados de louros, os descendentes de Paraguassú e Diogo Alvares Corrêa.

Emquanto na embriaguez do entusiasmo patriótico, o joven Marinho entoava hymnos de gloria, as mais effictivas emergencias o assaltavam.

O protector tinha desaparecido á grita desatada de um povo victorioso, e a protecção no enovelado fumo das bombardas.

O amor da liberdade, exagerando-se em alguns, transformou-se nesse sonho de uma Republica do Equador e Pernambuco foi o theatro das scenas do 1824.

José Antonio Marinho se alistava entre essa mocidade ardente.

Sua intrepidez e intelligencia o designam para as mais arriçadas emprezas, e de volta de uma importante missão na Villa da Barra, vem encontrar-se com a derrota de seus correligionarios.

A clemencia imperial esqueceu o crime e o nome da maior parte dos criminosos, e José Antonio Marinho devou nesse mesmo lugar, pela primeira vez, utilizar de seus conhecimentos, repartindo-os com a mocidade.

Mas já tinha soado a hora, em que as inclinações irrésistíveis do homem deviam substituir as paixões ardentes e impetuosas do joven republicano.

O amor inflamma sua alma de poeta.

Seu coração se agita a vista da belleza; elle sonhou deliciar no regaço da paz, vio o Eden nos olhos de uma mulher.

Este amor não correspondido o arremessa ao desespero e a dor do abandono.

Porém, bem dopressa, reassumindo todo o dominio de si mesmo, resolve dedicar-se de todo o coração aquillo, que sebo pagar com a intima felicidade todos os sacrificios da sincera devoção.

Marinho, o fidalgo do Bispo D. Thomaz de Noronha, sobo os primeiros degraus do Sacerdoceio.

Não é a primeira vez que vemos arrojarem-se aos altares, ou sepultarem-se em sombrios claustros, corações quebrados pela dor, ou fanados pelo Desengano!

Esperou talvez que Marinho dentro em pouco ungido pelas sagradas mãos do Prelado, receba a ultima imposição das ordens, que imprimem no neophyto o caracter que só despo na sepultura?

Ah! não conteis, que marcham tão serenos os seus dias!

Elle deve caminhar sempre por entre precipicios e desfiladeiros!

Das sertões do Pernambuco um echo repetirá sua complicitade no revolta do Equador; os odios politicos lho darão vulto, e o Bispo, prestando-lhe ouvidos o expellira de sua casa, a elle que não tinha outra guarida, a elle, que tendo perdido os habitos seculares, se afogava a essa vida em que cuidou ter visto distinctamente a luz da felicidade.

Elle, senhores, proscripto e errante; a pé, sosinho, sem bolsa e sem alforjes, ombrenhando-se nesses sertões quasi distrahidos em busca do seu paiz natal.

Quantas fomes não curtiu elle?

Quantos affrontamentos não alquebraram seus emmagrecidos membros?

Quantas noites dormidas sob o tecto estrelado do firmamento, em que fitando seus olhos choicos do fé, se desviava banhados em prantos?

Quasi extenuado pela fadiga e pela fome, bato ás portas dos padres do Caraca; e estes religiosos acolhem compassivos o desfallecido hospede, como os Monges des Alpes o transviado viandante.

Nesse collegio, em que tão benignamente fora recebido, completando os estudos, que lhe fallavam, abria ao mesmo tempo a mocidade os thesouros do sua intelligencia; e dentro em pouco foi elle extremamente amado dos padres, e de seus numerosos discipulos.

E' a um destes pequenos amigos, a quem deveu elle a alta protecção que removera os obices que impediam o seu accesso ao altar.

O anno de 1829 não findou, sem que José Antonio Marinho sagrasse seu coração e seus pensamentos a mais santa e á mais amavel das religiões.

Marinho era ainda um simples padre e já a reputação de grande talento e a fama de suas optimas qualidades ocliam todo o Ouro Preto, onde tornou-se logo conhecido.

O Sacerdote, porém, Senhores, não tinha o cidadão, e o amor da patria que nunca arrefecera em sua alma, vao agora actuar com todo o seu rigor, o enthusiasmo.

Os acontecimentos politicos que spressaram a revolução de Abril, arrojam o padre Marinho em que se representavam as mais energicas scenas, e elle é arrastado por esta corrente caudalosa que nafa suspende, que tudo arrebatava e quebra.

Elle o orador politico.

Seus artigos fallam ao coração do povo e sua influencia recresce á cada publicação do seu astro de Minas.

Quando esta provincia, Senhores, se vira ameaçada de afogar-se em sangue nas epochas calamitosas de 1833, que serviços não prostaram á causa da liberdade e da ordem, sua actividade e sua influencia?

Na hora em que o furor inseparavel da embriaguez da victoria quiz covar-se n'aquelles que a infelicidade da derrota tinha posto fora do combate, Marinho, cujo vulto fora então immenso, pondo-se diante dos mosquetes de alguns energumonos, formara de seu corpo, de sua importancia, e de sua autoridade, a muralha que devia defender a vida e a grada dos prisioneiros da guerra.

O papel importante, que representava o padre Marinho na politica, devia por força chamar a attenção de seus comprouincianos e fazel-o representante de seus interesses.

Duas legislaturas provinciaes-o viram em seus bancos pleitoando o desenvolvimento material do paiz, e sustentando os principios de uma politica a que de coração adherira.

Eleito deputado á Assembléa geral em 1836 sustenta com todo o vigor de sua intelligencia a politica de seu lado.

Advoga a causa mesmo do Bispo, Senhores, que por tanto tempo o privava do presbyterate.

Seus discursos ahi estão para fazorem justiça a seu desinteresse e a coherencia de seus principios.

O orador politico já então havia podido subir á cadeira da verdade que lhe fora tambem negada, e á fama de seus bellos sermões pregados em toda a Provincia, quiz elle ajunctar os successos do fóro.

E obtendo a provisão de advogado, fez servir o seu talento em pro dos opprimidos, dos infelizes desvalidos, colhia como unica recompense, a convicção do beneficio que lhes prestava.

Juiz de Paz, nas difficeis conjuncturas de 1834, ostentou toda a independencia do seu character e nobresa de sua alma.

Como juiz, tendo diante dos olhos Deus e a lei, pronunciava os juizes de sua consciencia, sem attentar para os interesses da amizade, nem para as conveniencias da actualidade.

Nunca homem politico foi tão torpemente calumniado, nenhum mais atrocemente deprimido; mas elle resignado, como christão aguardava a hora em que arrepondidos seus detractores cahiriam humildemente a seus pés.

Esta hora solemne não se fez longo tempo esperar!

A revolução que travara pela no arraial de Santa Luzia, o teve em suas fileiras; e quando a derrota entregava prisioneiros seus amigos, Marinho, nas matas de Santa Quitéria, podia suspender por muito tempo o decisivo triumpho de seus adversarios; porém, não soffria o amor da humanidade e ver correr caprichosamente o sangue de seus irmãos.

Elle se entrega a prisão; prefero elle proprio a sua brilhante defeza no Jury do Pyranga, e d'ahi a pouco nós o vimos na legislatura de 1847, fazendo uma das mais bellas figuras que é dado a um representante do povo.

Foi nessa sessão, Senhores, que elle sosinho, um tanto divorciado de seus antigos amigos politicos, procurou suster, com sua grande influencia, o desabamento do Gabinete de 1847, que despojado ia de roldão precipitar-se.

Então seu papel foi magestoso e sublime: só, em pé, no meio da defeção do seu lado, entre a dissidência de seus correligionarios, e os ataques de uma minoria vigorosa, pela união de seus combatentes, procura conciliá-los com sua influencia, dominá-los por suas palavras, intimidá-los com as consequências da obstinação.

Elle se deslobra em energias em todos os sentidos; na tribuna, na Imprensa, no secreto da amizade.

Dopoiz de tão porfiada lueta, con vencido de ter feito em prol de seus principios, em prol da amizade, o que era humanamente possível, cruza tristemente os braços e deixa cahir o Gabinete, que se esforçara por sustentar e com elle a propria politica que o puzera em sitio.

O homem de tão assignalados serviços, que tivera no poder tantas vezes seus amigos e correligionarios, só recobera do thesouro o seu ordenado de lonte de Philosophia em Minas; só fruíra as honras de conego da capella, e tinha sido agraciado com a commenda da Ordem do Christo.

Porém, o seu nome, a sua eloquencia na tribuna, ploteando os interesses da Igreja, tinham chegado ao conhecimento de Sua Magestade, digo Santidade, que o galardoou com o titulo de seu camarista privado e com as honras de Protonotario da Santa Sé.

Ao ruído do baço de seus amigos, e á subida ao poder de outra politica, Monsenhor Marinho, desperta de um sonho de illusões; e como si presentisse, que só tiuba diante de si cinco annos, busca deparar as avarias das tormentas passadas.

Sua inteira abnegação á politica e a grande idéa de viver para verdadeira utilidade do paiz, mataram o homem de 33 e 48.

Todo entregue já aos desvoios da parochia de que era cura então, tratara sinceramente por excitar em toda esta cidade que o vira homem politico, o interesse e a veneração de que era digno.

Será, porém, Senhores, na Instrução publica em que elle assontará os alicerces da sua verdadeira gloria, pois que tinha reconhecido,

do, que a educação da mocidade era a precisa vocação de sua alma.

Ja era muito tarde, porque Deus tinha resolvido que sua missão de homem terminasse.

Aqui começa a melhor quadra de seus dias; aqui a sua epocha gloriosa, aqui a origem de tantas saudades e de tantas lagrymas.

Esta brilhante metamorphose, que tornara Monsenhor Marinho um outro Rollin, teve cabal explicação nas proprias condições deste padre respeitavel.

Marinho, dotado, como vos dissemos, de uma intelligencia vastissima, tinha a memoria feliz e a imaginação fertil, o semblante agradável e uma dessas physionomias, que espelham o coração, a fronte aberta e sem rugas, olhos animados, sorrir de bondade, corpo delgado e secco, andar compassado e firme.

Profundamente versado nas doutrinas philosophicas e theologicas, conhecendo perfeitamente as linguas latina, grega, franceza e a ingleza, cultivava com gosto a lingua de Tasso.

Amava a poesia e a musica, e as harmonias formavam um dos prazeres de seu espirito.

Critico e sem pedantismo e de vasta erudição, o estylo de seus differentes escriptos era castigado e forte.

Na cauleira sagrada, sem que tivesse as sublimes ousadias de Massillon, tinha a unção de Bossuet.

Na tribuna politica primava pelo vigor de sua dialectica e flexibilidade de sua palavra.

Possuia virtudes e teve um coração nobre e generoso.

Era o dia de sua maior gloria aquelle em que perdoava alguma injuria, e amigo pelo theor antigo, ou seja o perigo da amizade o achou longe.

Filho do Evangelho, amava o homem com este sentimento vivo que aprendera de Jesus Christo, quando farto, dividia com os precisados as larguezas em que vivia.

Sua bolsa não teve cordões, nem chaves o seu pequeno cofre. Este collegio a que deu seu nome, estava abortido á mocidade indigente, e sua refeição a quantos tinham fome.

E' sobre estas pedras, senhores, que se devia levantar o edificio architectado pelo amor da humanidade, e que seria o monumento da maior gloria do seu fundador.

Quando começavam a realizar-se as suas largas vistas, mal tinha este estabelecimento, saudado com jubilo por todos quantos lamentavam o estado da instrução publica, despontava como um dia cheio de esperanças, a morte suspende o braço do obreiro, porque a hora do repouso tinha soado.

E aos 13 de Março, com 48 annos de idade, expirou o Monsenhor Marinho com os olhos fitos nesse Collegio a que parecia dizer seu ultimo adeus!

Morrera como aquelle grego de quem nos diz Virgilio:
Oulumque Aspici et dulces mortens reminiscitur Argos.

Assim apagou-se aquella brilhante luz; sanou-se aquella tão útil existência no meio dos silêncios, das lagrimas de uma cidade inerte.

Além de seus discursos na Assembléa Legislativa de Minas Geraes, e na Camara Temporaria, onde figurou conspicuamente, e da Tribuna Sagrada, que, infelizmente nem todos foram impressos, Monsenhor José Antonio Marinho deixou a sua *Historia do Movimento Politico, que no anno de 1842, teve lugar na Provincia de Minas Geraes* — 2 volumes in 1.º

Mencionando-a em sua «Noticia das Principaes Obras relativas a Historia do Brazil», o conselheiro Homem de Melo diz: «É em grande parte antes uma discussão politica, escripta sob a impressão do momento, do que uma verdadeira historia», o que não foi inão frazes e apaixonadamente contestada, primando pela verdade da exposição dos factos.

Em um artigo do *Constitucional* de Ou o Preto, N.º de 24 de Janeiro de 1840, Monsenhor Marinho declara ter colligido documentos para, com provas materiaes sustentar o que lhe contestaram relativamente a sua *Historia do Movimento Revolucionario de Minas em 1842*.

Que é feito desses documentos, pois que o prometido trabalho não chegou a ver a luz da publicidade?

Pelo *Correio Mercantil* de 13 de Março de 1868 Mr. J. M. Tesson ex-professor do seu Collegio consagrou-lhe a seguinte Ode:

A' la memoire toujours chère et venerée de Monseigneur

José Antonio Marinho
 (Trentiano anniversario).

Treize ans sont écoulés depuis l'heure dernière
 Qui vint éclore, à jamais, sa trop courte carrière;
 Depuis l'heure ou pour lui, devant l'Eternité
 Le temps s'est arrêté!

Treize ans!... dans l'avenir c'est au moins l'esperance!
 Mais dans le passé qu'est-ce? une reminiscence,
 D'un songe évanouie, quelque fois, d'un berceau
 Plus souvent d'un tombeau!

Treize ans! et son image en mon cœur vit encore!
 Il un parvint ouïr sa parole sonore
 Dans le temple où puchait l'éloquent orateur
 Le vertueux pasteur.

Treize ans! et je crois voir ses disciples en larmes
 (Le denil même à leur age emprunt certain charmes)
 Se presser à l'entour du funébre appareil
 Où du dernier sommeil.

Dormait l'instituteur, l'ami de la jeunesse
 Leur innocentes voix, belles dans leur détresse
 Murmuraient: — au revoir! et les anges de Dieu
 Répétaient leur adieu.

D'entre tous ces amis, nombreux, sans dante, encore
 Cambrou, que j'ai connu, combien plus que j'ignore,
 Sont allés le rejoindre à ce grand rendez vous
 Ou' nous rendrons tous.

O vous! qui maintenant sondez le grand mystere
 Que ta tombe recèle: « Enfants d'un même père,
 « Employez, dites vous, les forces de chacun
 Au bien entre commun »

« Mais au bonheur parfait, ah! n'allez pas putendu
 « De la soute qu'il faut parcourir pour s'y sandre
 « Le terme se derobe, ici-bas, à nos yeux:
 « Vous l'atteindrez aux cieux. »
 Le 13 mars 1866.